

Marta Macedo

diálogo na sé
moita macedo

Moita Macedo

diálogo na sé
moita macedo

FICHA TÉCNICA

CURADORIA

Santiago Macias

TEXTOS

D. Manuel Clemente
Cardeal Patriarca de Lisboa
Santiago Macias
Pe. Vítor Melícias, OFM

FOTOGRAFIAS

Fábio Moreira
Bento Garcia (p. 18 a 23)
Marques Valentim (p. 41 a 43)

PROJETO DA EXPOSIÇÃO

João Camacho

MONTAGEM

Oficina de Museus

DESIGN GRÁFICO

TVM Designers

IMPRESSÃO

Guide – Artes Gráficas

ISBN 978-989-33-0424-2
DEPÓSITO LEGAL 468596/20

a vida em forma de cruz

Louvo e agradeço a exposição dos «Cristos» de Moita Macedo na sé de Lisboa. A adequação é perfeita, da insistência temática do artista ao significado e à forma do templo a que se junta. Assim acontece agora, muito felizmente, em cultura plena e coesa.

A insistência temática do artista, entre outros temas que também versou, brotou-lhe da existência que teve, das pessoas e lugares que nela se imprimiram e dos sonhos que aí mesmo despertaram. Foi esta ligação de terra sempre firme com um céu apesar de tudo nunca ausente que lhe resumiu o traço em duas direções entrecruzadas. Traço que pôde ficar assim, tão central e duradouro, por assinalar absolutamente Alguém. Moita Macedo reconheceu-lhe o rosto e o nome numa simplicidade tal que nela cabem todos os rostos e todos os nomes, de ontem para hoje e amanhã.

A forma da sé de Lisboa, como de tantos templos seus coevos, do pórtico à cabeceira e abrindo

os braços em transepto, inclui quem entrar num corpo igualmente crucificado, como memória viva e motivo de esperança. Expostos no âmbito da sé, os Crucificados de Moita Macedo encontram o seu espaço adequado, de fundo e forma, de culto e cultura.

Também por isto louvo e agradeço a iniciativa. A humanidade soma-se sempre, na acumulação do que experimenta e a move. Por isso a expressão se altera, tão complexas e variadas são as coisas em sucessão. Já se notou que os patamares civilizacionais são culturalmente «clássicos», pois encontram formas claras e transmissíveis de geral aceitação, enquanto duram. Mas a própria base que oferecem para nos reconhecermos num tempo provoca a inquietação do que ainda não somos para depois. Sucedem-se lanços mais «barrocos», em que o movimento se agita e nem a simetria o consegue deter. Assim estaremos hoje.

Entre o muito que hoje nos diverge, a memória da Cruz converge sempre e tanto nos une ao drama de cada um como nos reanima pela vida que acalenta. Cada Cristo em exposição propõe um centro disponível. Assim o redescobriu Moita Macedo. Assim o oferece nesta mostra tão bem-vinda.

o caminho do oriente

Paulo encontrou respostas na estrada de Damasco. Isso aconteceu há quase 2000 anos. Não sei exatamente que respostas procurava Moita Macedo. Mas é-me claro que o caminho do oriente percorreu, por várias vezes, a sua obra. A passagem por Goa deixou em Moita Macedo traços indeléveis. Não mais essas memórias se apagarão. Os desenhos que mais tarde fará ganham, com um marcado gestualismo, a expressão de sombras chinesas. A cor vermelha, de bons auspícios no império do sol nascente, tornou-se dominante em parte da sua obra.

Moita Macedo foi, ao longo da vida, pintando e renovando temáticas que lhe interessavam. A liberdade do gesto – a que, em certa altura, denominaria de «memografismo» – conjuga-se com as representações de figuras da noite, das mulheres, de naus e de searas, das cidades, de D. Quixote e do Cristo Crucificado. O sentido profundamente solidário de Moita Macedo, presente na poesia e no seu percurso de vida reflete-se também na sua pintura. Como bem escreve o Padre Vítor Melícias

«é que este Cristo, sendo embora divino, pintado com as cores do cosmos e a aura inefável do divino, apresenta-se e insinua-se sobretudo como homem, o Homem em esforço não resignado de libertação». É uma solidariedade onírica a que pratica, numa mistura de personagens reais e de outras imaginadas.

Os tons nacarados do algumas das suas obras parecem ter sido pensados para o ambiente operático do tesouro da Sé Patriarcal. Vermelhos cardinaícios, ouro e prata estão perto da cor das pinturas de Moita Macedo. Tal como Cristo Crucificado pertence a este sítio. Foi esse jogo, de temas, de cores, de evocações, de palavras que ecoam na Catedral, que quisemos criar e dele fazer diálogo.

Foi talvez outro registo, mais intimista, aquele que Moita Macedo procurou. Quando lemos no final de um poema «Amigo / é quem me estende os braços / nus / faça o que eu fizer / esteja eu onde estiver / mesmo pregado na cruz!», é na simplicidade das coisas que pensamos. É um sentimento solidário da vida que se nos impõe. Estamos aí mais perto do oriente. Na mesma simplicidade e contenção que vemos na representação bizantina da Theotókos da igreja de Atouguia da Baleia. Quatro mil quilómetros separam Benfica do Ribatejo do Jardim do Getsêmani. É esse caminho do oriente que aí reencontramos, ou queremos retomar.

os cristos de moita macedo

um convite à libertação

Se para valorizar diferentes dimensões da mesma englobante e universal realidade de Cristo é de boa sabedoria falar-se do Cristo da História e do Cristo da Fé, é igualmente sábio considerar-se o Cristo da Arte, enquanto expressão dos sentimentos, entendimento e mensagem dos artistas.

Mestre maior na arte de transmitir pelo informalismo gestual como expressão artística, Moita Macedo não retrata nem desenha Cristos já feitos. Com toda a força criadora da arte que lhe estava na alma, e da fé que lhe palpitava latente nas ânsias de liberdade e de justiça, o pintor-poeta dá-nos, em vigorosas pinceladas de cor e sugestão, um Cristo-homem-divino, que vem, não lá do etéreo abstrato, mas dentro do mundo real onde, fazendo-se carne, se fez História e se fez Fé.

Em Macedo, duas pinceladas um Cristo e em cada Cristo uma mensagem.

Os seus Cristos brotam de dentro da vida, da lama das coisas e, em explosões cromáticas de luz e de cor, gritam mensagens que não são cópia de nada, nada pretendem reproduzir nem citar.

A iconografia que emerge do seu pincel de poeta, mais sugestiva que descritiva, menos figurativa e mais propositiva, não exhibe imagens, não reproduz figuras, nem impõe uma imagem predefinida de Cristo, propõe Cristo como ideia a ser configurada por cada qual. Por isso, os seus Cristos não estão na tela, emergem do próprio traço que os insinua.

Poeta e místico da liberdade e da libertação, contestatário de todos os cativos e grilhões, o pintor Moita Macedo imprime sempre aos seus Cristos, com os quais vai gritando incontidas ânsias de liberdade, um *ictus* de crisálida em esforço de se libertar do casulo para os espaços amplos do infinito.

Um Cristo de Moita Macedo é sempre um convite ao esforço, à luta pela libertação, é um libertado libertador.

Não pintando um Cristo menino, ao colo de sua mãe, nem um Cristo pantocrator, senhor do universo em glória e coroa imperial, Macedo insinua coroas de espinhos e oferece-nos Cristos em cruz ou, mais precisamente, Cristos em pose de cruz,

mas já sem ela, porque os braços ficaram cruz e os lábios ficaram reza, como ele mesmo proclama no seu belo *Poema IX*.

Seguramente por isso, este crucificado nunca está morto, nunca é estático, tem sempre movimento e vida. Ao morrer já está em transe de ressurreição, é um ressuscitado «in fieri», um alguém que morrendo não morre, passa pela morte.

Os Cristos de Moita Macedo não são Cristos da tarde de sexta-feira santa, mas são já o Cristo da manhã de sábado de aleluia, prenúncio e princípio da aurora libertadora do domingo da Ressurreição. Daí a cor, daí o movimento, daí o dinamismo.

Enquanto na *Mensagem* de Pessoa, ou na de Camões, há interpelação ao descobrimento, à aventura, à esperança de um povo em busca de antigas glórias que traz no sangue e no vinho, a mensagem dos Cristos de Moita Macedo é a libertação de um homem, de cada homem no todo da Humanidade.

É que este Cristo, sendo embora divino, pintado com as cores do cosmos e a aura inefável do divino, apresenta-se e insinua-se, sobretudo como homem, o Homem em esforço não resignado da libertação.

Como Francisco de Assis, também ele poeta e grande humanizador de Deus em Cristo-homem, Macedo transmite o lado humano da divindade, reevocando o esforço hercúleo com que na mitologia grega o homem tenta, e volta a tentar sempre em vão, subir ao Olimpo dos deuses.

Como a de Francisco, a sua cristologia é uma teologia da terra e do homem, ou seja, a teologia de um Deus que está no homem, um Deus presente na humanidade sofredora em sinfonia cósmica de libertação.

Porventura, o Deus em que Moita Macedo acreditava muito à sua maneira, encontrava em Cristo a melhor incarnação do homem, eterno peregrino em ânsias de divindade.

Bem-haja ele por isso.

Por isso também lhe é devida honra, glória e louvor.





Cântico negro, s.d.



Cristo, 1972



Cristo, 1972



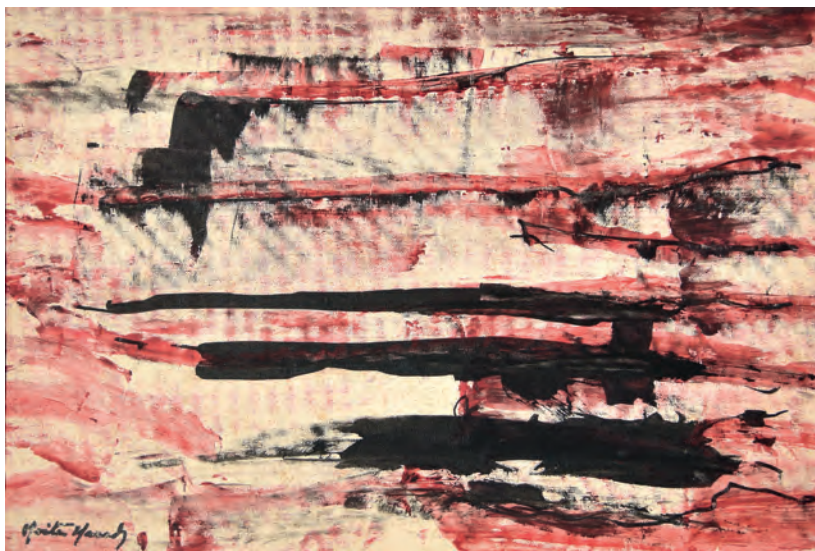
Cristo, s.d.



Cristo II, 1977



Cristo, 1973



Abstração, s.d.



Abstração, 1979



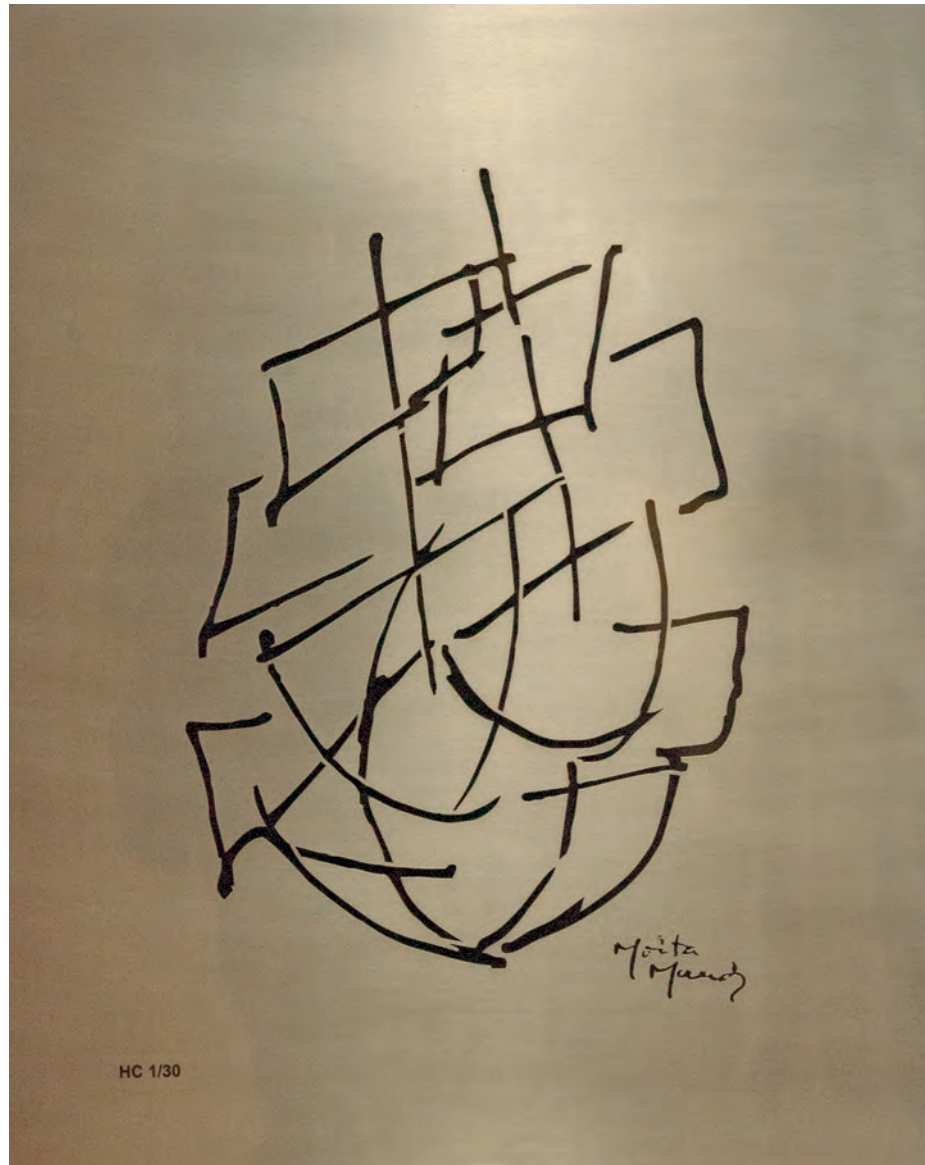
Cristo, 1982



Labirintos, 1971



Labirintos, 1971



Caravela, s.d.



Cristo, 1980



Sé Patriarcal de Lisboa



Sé Patriarcal de Lisboa



Sé Patriarcal de Lisboa



Sé Patriarcal de Lisboa

aqui

Aqui fica a palavra
O riso e a mágoa
Aqui fica a raíz
De uma gaivota
Aqui o sete-estrela
(bússola torta)
Aqui a ilha
Onde sou país
Aqui o ferro e a espada
O fogo e o arado
Aqui o meu rochedo
Cinzento calcinado
Caravela na vela
De uma gota de água
Olhos de gávea cegos
Que nos fitam.

Aqui a minha terra
Onde os silêncios gritam.



Calvário, 1979



Para lá das grades, 1971



As máscaras, 1974



Presépio, 1982



Calvário, s.d.



Última Ceia, s.d.



Memografismo II, 1980



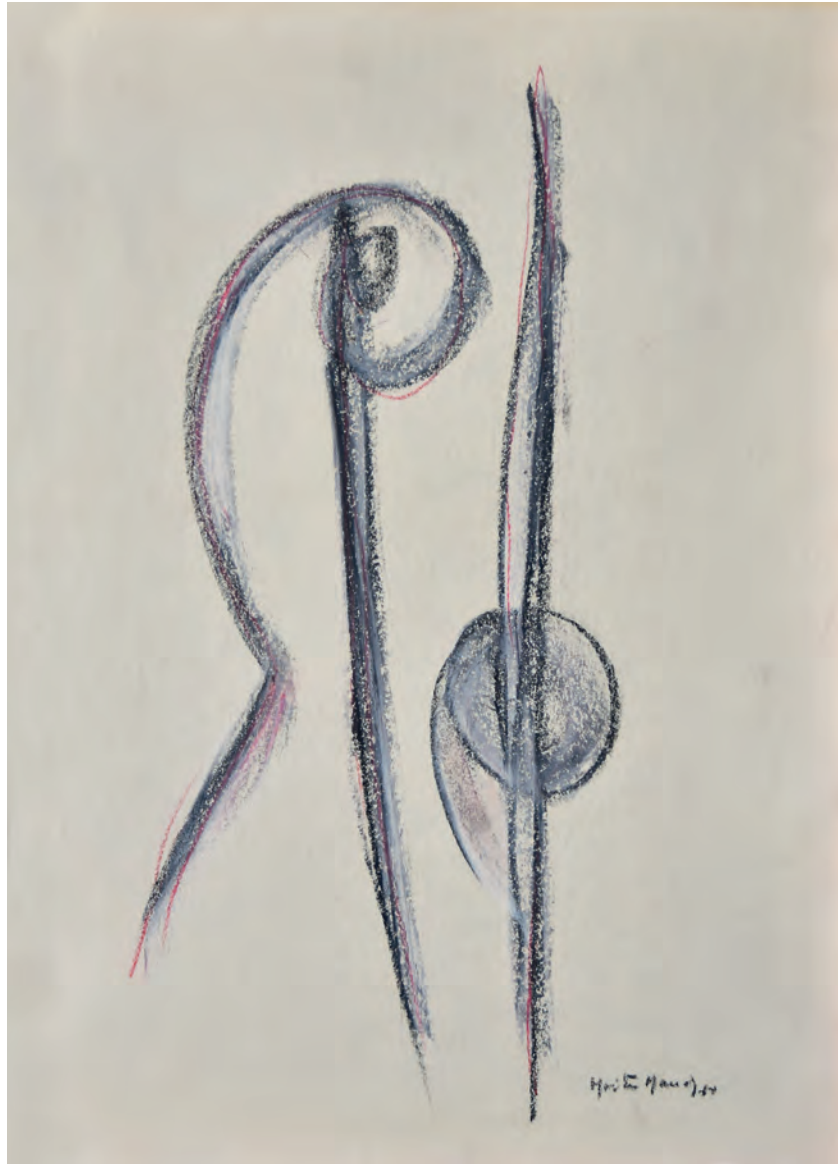
Sem título, 1982



Grafismo, 1970



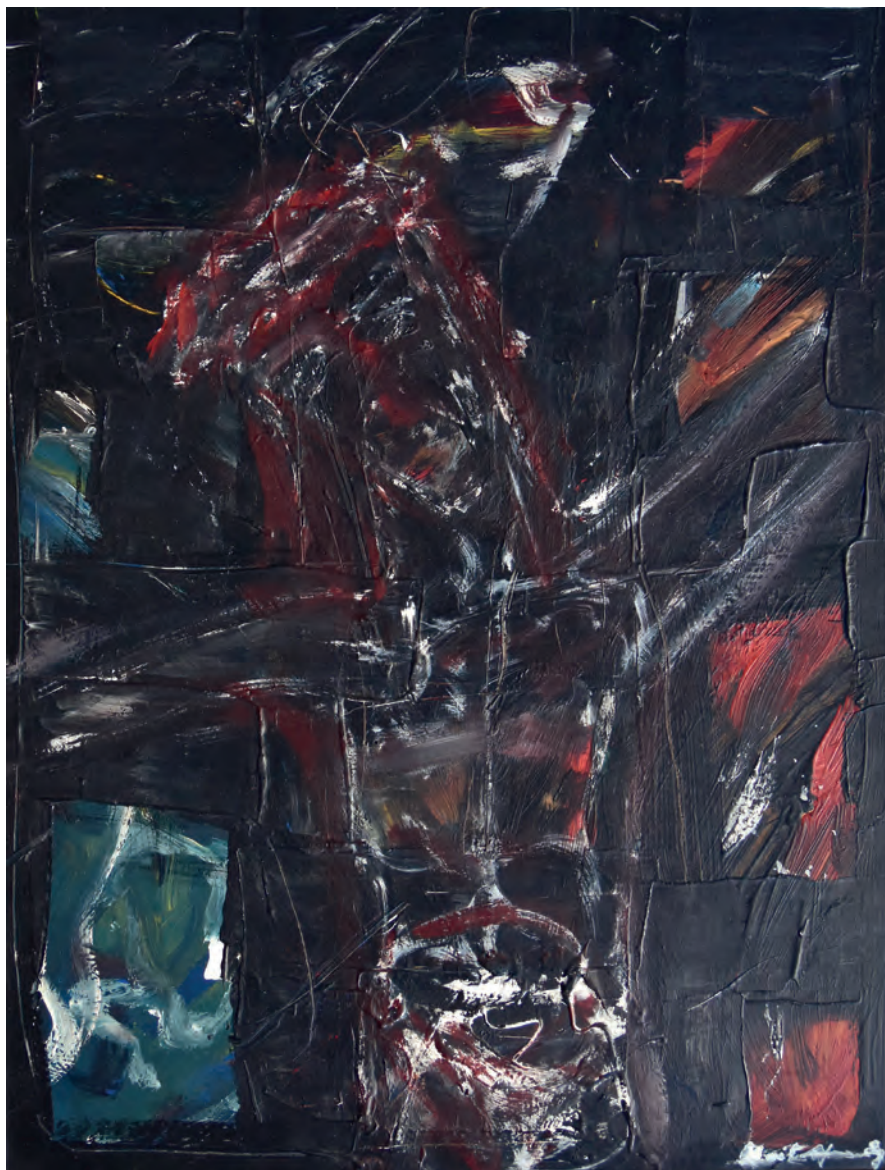
Sem título, s.d.



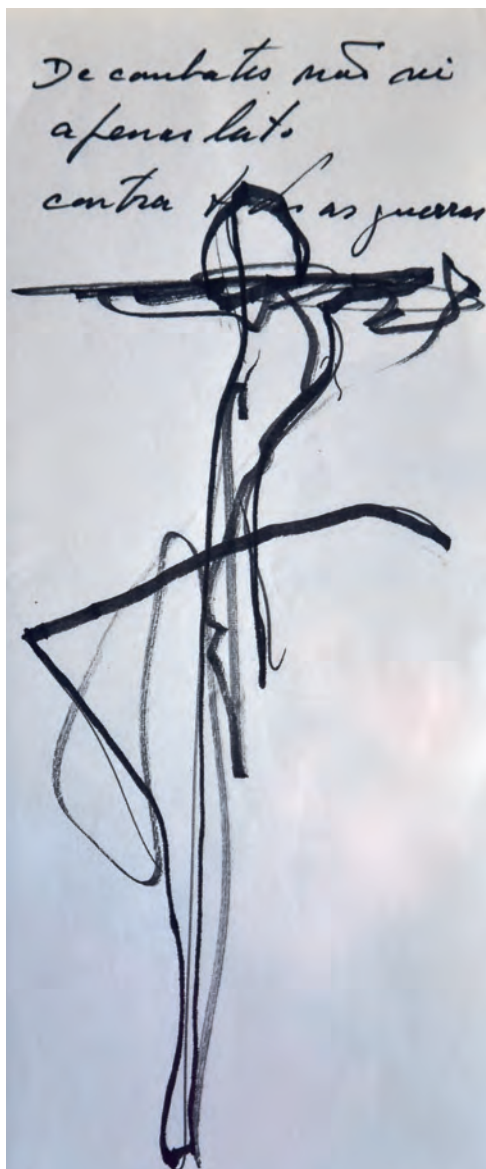
Poema de amor, 1974



Cristo III, 1972



Cristo, s.d.



Cristo, s.d.



Cristo, 1977



Memografismo III, 1980

extra-exposição



Calvário, 1982



Cristo, 1982



Cristo, 1973



Cristo, s.d.



Cristo, s.d.

José Albano Pontes Santos Moita Morais de Macedo nasceu a 17 de Outubro de 1930, em Benfica do Ribatejo. Cresceu no seio de uma família tradicional, onde sobressaía a figura do avô, José Luís Santos Moita, médico, republicano, deputado à I Assembleia Constituinte e Governador Civil de Santarém. A influência do avô foi determinante na formação de uma consciência e empenhamento social, traços marcantes da sua personalidade. Os grandes planos da campina ribatejana e do mar, duas forças presentes na sua adolescência, foram o ponto de partida para os primeiros desenhos.

Em 1951 casou, vindo a ter cinco filhos. De 1954 a 1957, cumpriu o serviço militar na Índia Portuguesa, contactando com artífices e artistas, trabalhando com eles o barro e o marfim.

Em 1963 conheceu Almada Negreiros na Cooperativa Gravura, em Lisboa, a qual frequentou durante dois anos. Com Almada estudou e fez as primeiras experiências em gravura, riscada sobre o vidro.

A partir de final dos anos 1960 deu início a uma carreira nas Artes tão intensa quanto curta. Poesia, Escultura, Pintura foram os seus terrenos de eleição.

Entre 1972 e 1983 ilustrou capas de livros, publicados em Portugal e no Brasil e escreveu textos de apresentação e crítica para catálogos de diversos pintores. Dirigiu as Galerias Futura, Opinião e Codi-livro, em Lisboa.

Em 1980 organizou, conjuntamente com Artur Bual e Francisco Simões, a exposição *Viagem ao Mundo da Linha, da Forma e da Cor*, a qual representou uma nova forma de expor arte, alargando o seu conceito.

Em 1983 publicou o livro *Cantares de Amigo*, conjuntamente com outros três poetas, marcando a divulgação da sua poesia até então feita em tertúlias, na imprensa regional e em programas de poesia na rádio.

Galerias reconhecidas (Cordeiros, São Mamede, António Prates, Diário de Notícias, São Francisco e São Bento, nomeadamente) expuseram obras suas. Vários municípios, de norte a sul do país, como Guimarães, Amadora, Almeirim ou Cascais, promoveram mostras individuais com as pinturas e esculturas de Moita Macedo. Merecem ainda particular destaque as exposições que tiveram lugar, em 2017, no Museu Arpad Szenes-Vieira da Silva e no Museu Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo, em Espanha.

A sua morte prematura, em 18 de Maio de 1983, fez com que o reconhecimento da sua obra chegasse de forma tardia.

Nos últimos anos têm-se multiplicado os livros dedicados aos desenhos e às pinturas. Em 1993 foi editado o livro *Poema da terra dos homens curvados*, escrito na década de 70. Em 1997 foram editadas, pelo mestre António Inverno, três serigrafias de obras de sua autoria. Urbano Tavares Rodrigues escreveu o prefácio para um novo livro de poesia, ilustrado por Francisco Simões, e editado em Outubro de 2002 pela Estar. Em Dezembro de 2002 foi homenageado na Câmara Municipal de Lisboa, no lançamento do seu livro *Poemas*, em simultâneo com uma exposição da sua pintura, por Urbano Tavares Rodrigues, Francisco Simões e Maria João Fernandes. Em 2003 foi a vez da edição de *Moita Macedo, 1930-1983: obra plástica*, por Alice Branco. A sua obra gráfica foi o ponto central do *Moita Macedo – desenhos*, de Fernando António Batista Pereira, editado em 2005, com prefácio de Vítor Serrão. Seguiram-se *Moita Macedo: o sentido da esperança* com textos, entre outros, de Maria de Jesus Barroso, em 2009; *O traço com que firo as minhas telas: pintura, desenho e poesia de Moita Macedo, 1930-1983*, com textos de Luís Filipe Castro Mendes, Fernando António Baptista Pereira e Tomás Paredes, de 2017, e *Caderno do Atelier*, edição do Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo, dado à estampa em 2019.

Poemas seus foram gravados em 2006, num CD intitulado *Poesia de Moita Macedo – pinte versos, escrevi quadros*, que incluiu a participação especial

de Maria de Jesus Barroso e contou com as vozes de José Fanha, Rosa Lobato Faria e Vítor de Sousa.

De entre as muitas homenagens de que tem sido alvo, cabe destacar a atribuição de nomes de ruas nos concelhos de Almeirim, de Sintra, da Amadora e de Almada. O arquiteto Eduardo Souto Moura realizou um projeto para uma escultura pública em sua homenagem.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS (SELEÇÃO)

Centro Cultural de Cascais, 2020; Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo (Badajoz), 2017; Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva, 2017; Sociedade de Geografia de Lisboa, 2013; Sede da Cruz Vermelha Portuguesa, 2009; Câmara Municipal da Amadora, 2008; Fundação Alentejo – Terra Mãe (Évora), 2008; Galeria Cordeiros, 2006; Museu do Trabalho Michel Giacometti (Setúbal) 2005; Galeria São Mamede, 2005; Padrão dos Descobrimentos, 2002; Câmara Municipal da Nazaré, 2002; Museu de Eletricidade da Madeira (Funchal), 2001; Clube dos Empresários (Lisboa) 1996; Galeria São Bento, 1993, Galeria Diário de Notícias, 1991.

Handwritten text in blue ink, appearing to be a stylized signature or the word "Handwritten".

Handwritten text in blue ink, appearing to be a stylized signature or the word "Handwritten".

02 60 090181b
obscure stiom

